



SÉRGIO FERRO  
ARQUITETURA E TRABALHO LIVRE

ARANTES, PEDRO FIORI (ORGANIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO). POSFÁCIO DE ROBERTO SCHWARZ. SÃO PAULO: COSAC NAIFY, 2006. 456 P. ILUSTRADO.

Beatriz Bezerra Tone  
Isadora Guerreiro

## RETOMANDO O DEBATE

*“A renovação do Artigas foi mostrar que na arquitetura há uma enorme dimensão política que todo mundo esquece.”<sup>1</sup>*

(1) FERRO, Sérgio, Reflexões sobre o brutalismo caboclo. In: *Arquitetura e trabalho livre*. São Paulo: Cosac Naify, 2006, p. 261.

O final da década de 60 representou um marco da crítica em vários setores do qual a FAUUSP participou de forma ativa em permanente diálogo com outras áreas do conhecimento (principalmente relacionadas à então Faculdade de Filosofia). A coletânea de Sérgio Ferro, *Arquitetura e trabalho livre*, recém-lançada pela Cosac Naify, traz a chance de retomar – não sem polêmica – o ainda atual debate instaurado naquele momento. Mostra-nos, dessa forma, que ainda é tempo de reverter o atraso causado, por um lado, pelos anos de ditadura, e, por outro lado, pelo “boicote” permanente de boa parte dos colegas de profissão. Atraso que, dificultando o conhecimento das questões levantadas pelo grupo de Sérgio Ferro, Rodrigo Lefèvre e Flávio Império, teve como consequência a reprodução de soluções arquitetônicas cada vez mais contraditórias ainda nos dias de hoje.

O debate teórico levantado pelo grupo o qual também norteou sua prática profissional partiu da crítica à aposta feita pela geração de arquitetos modernos pioneiros (seus mestres) no desenvolvimento das forças produtivas. Segundo esses, mesmo em um contexto autoritário, era uma etapa necessária a novas configurações de classe e à superação de nossas mazelas sociais. O arquiteto, nessa perspectiva, deveria pensar novas formas, racionalizadas, não apenas condizentes com esse desenvolvimento em curso, mas propulsoras dele pela técnica, que seria, assim, base de transformações estruturais na sociedade.

Diante da constatação que tal desenvolvimento não teve e não poderia ter como resultado avanço social algum e, pelo contrário, só aprofundava a violência do sistema, os três propõem a busca de novas práticas, partindo de novos pressupostos. Já em seu primeiro texto de maior fôlego, *Arquitetura nova*, de

1969, Sérgio Ferro sintetiza as críticas até então formuladas pelo grupo, chamando a atenção para a reprodução vazia de significado à qual a arquitetura dos mestres modernos (e seus seguidores estritos) havia chegado. Segundo ele, a construção civil não passou – nem poderia passar – por desenvolvimento industrial e a estética dita combativa da arquitetura moderna brasileira foi rapidamente integrada ao sistema, contribuindo para sua reprodução. A crítica, bastante ácida, naquele momento foi suficiente para instaurar sérias dúvidas em relação ao modo de fazer a “boa arquitetura”, que já demonstrava claros traços de impossibilidade de lidar com as questões da cidade no capitalismo.

O que primeiro apareceu como “inversão” de sentido da arquitetura moderna – depois constatado pelo próprio arquiteto em *Brasília, Lúcio Costa e Oscar Niemeyer* como sua função estrutural – e a “não-industrialização” de nossos canteiros são estudados profundamente em *A produção da casa no Brasil* e posteriormente em *O canteiro e o desenho*. No primeiro texto, o arquiteto completa a crítica de 1969 ao constatar que a industrialização não chegou aos nossos canteiros de obras exatamente porque é um dos setores produtivos o qual, pelo atraso – a pesada exploração do trabalhador em um processo produtivo de manufatura –, garante as mais altas taxas de lucro necessárias ao equilíbrio estrutural do sistema, em conjunto com os setores avançados, contando com taxas bem menores (pelo baixo uso de força de trabalho). Nesses textos a raiz de pensamento marxista aparece com força, dando à arquitetura papel central na reprodução do capital pelo fetichismo da forma mercadoria. Segundo Sérgio – e esse é um salto na crítica – a obra de arquitetura é mercadoria, pois tem todas as suas determinações, principalmente a de ser produção social. Além disso, ela carrega consigo um fator fundamental: sua forma aparente, que na mercadoria se automatiza, cria “vida própria”, com o objetivo de ocultar a história de sua produção.

Assim, a nova geração questiona as formulações de seus mestres: a arquitetura só cumpriria sua “função redentora” se repensada a partir de novas relações de trabalho no canteiro de obras, materiais e técnicas disponíveis. O novo centro da discussão, para pensar novas práticas, é a divisão do trabalho, não apenas o desenvolvimento das forças produtivas. E essa é uma diferença fundamental, pois se os herdeiros da “escola paulista” relacionam-se positivamente com a crítica – trazendo dela os momentos do sistema no qual é ele mesmo que trabalha, supostamente, para sua autodestruição –, Sérgio Ferro traz uma leitura diferenciada de Marx, enfatizando, principalmente, o fetiche da mercadoria e as relações de produção.

É a partir desses elementos que Sérgio Ferro faz não apenas uma dura crítica à história da arquitetura, como – e principalmente – à arquitetura moderna produzida e reproduzida a partir de determinado momento histórico, e até hoje reconstrói formas vazias. É nesse momento, segundo a crítica do arquiteto, que a *forma* na arquitetura chega a “liberdades” jamais vistas, perdendo totalmente sua vinculação com a base da produção. Daí sua análise da cisão entre o canteiro e o desenho, sendo este último não apenas meio de produção, mas elemento essencial para a manutenção da exploração do trabalhador ao submetê-lo a uma participação na produção de forma fragmentada, dentro de hierarquia rígida e alienadora.

É nessa perspectiva que o debate sobre a nossa arquitetura deve ser reaberto. Sérgio Ferro, a partir desta publicação, chega em momento adequado: quando a dita “esquerda” no Brasil está sem perspectivas, a insistência na análise crítica é mais do que bem-vinda. É a partir de uma visão qualificada sobre a arquitetura, levando em conta os desafios os quais o capitalismo impõe à “arte” de produção da cidade e da prática profissional, que podemos mais uma vez retomar a importância do lançamento deste livro: trata-se de buscar a superação de automatismos e reproduções pela crítica, e a (re)leitura de Sérgio Ferro, nestes termos e neste momento, mostra-se fundamental.

---

**Beatriz Bezerra Tone**

Arquiteta formada pela FAUUSP em 2002, trabalha na assessoria técnica Usina desde 2001.

**Isadora Guerreiro**

Arquiteta formada pela FAUUSP em 2005, trabalha na assessoria técnica Usina desde 2005.

e-mail: isaguerreiro@uol.com.br